

AMBIENTE Segundo pesquisadores, programa de desenvolvimento do governo pode consolidar degradação

# Soja é uma ameaça para a Amazônia

MARCELO LEITE  
enviado especial a Macapá

O Seminário de Consulta Biodiversidade na Amazônia não concluiu ainda o que deve ser priorizado para ações de preservação. Seus 164 participantes têm até sábado para fazê-lo. Mas já parecem saber o que não serve para a região: soja.

Foi o governador do Estado anfitrião, João Alberto Rodrigues Capiberibe (PSB), quem verbalizou mais claramente essa recusa: "Nós não queremos a soja. Se o governador não pode dizer isso, quem vai poder?"

Capiberibe já sabe o que quer, ao menos em linhas gerais: "Montar cadeias produtivas com mão-de-obra, matérias-primas e tecnologia locais".

Ou seja, o oposto dos eixos de desenvolvimento do Plano Plurianual (PPA) do governo federal, herdeiro do "Brasil em Ação" com que se reelegeu Fernando Henrique Cardoso. Nos corredores do seminário, esses eixos são vistos como simples corredores para escoar a produção de soja.

"Há um terror em relação à soja", diz João Paulo Ribeiro Capobianco, do Instituto Socioambiental (ISA). O seminário está sendo realizado por um consórcio de ONGs (organizações não-governamentais), com coordenação do ISA e patrocínio do governo federal e do Banco Mundial.

"A soja está entrando como um elemento de consolidação da degradação, da fronteira agrícola", afirma Capobianco. As madeiras abrem a frente de destruição e atrás vem a soja, ou o arroz.

Essa alternativa pode não ser tão destrutiva quanto a pecuária, mas tem uma característica preocupante: moto-próprio. Altamente capitalizada, não precisa dos incentivos fiscais que, retirados da pecuária, deixaram-na à míngua.

André Guimarães, do escritório do Banco Mundial em Brasília, também vê com "ceticismo" os eixos de desenvolvimento do PPA. Ele coordenou um grupo temático que identificou nove atividades econômicas que poderiam ser prioritariamente focalizadas.

Braulio Dias, diretor de Conservação da Biodiversidade do Ministério do Meio Ambiente (MMA), parece menos alarmado.

Dias reconhece o risco de que os eixos de desenvolvimento do PPA, como estradas e hidrovias, têm potencial de impacto sobre o ecossistema. Diz que esse impacto precisa ser estudado mais a fundo, mas relativiza o peso da soja.

"Se (o eixo) melhora o acesso ao mercado europeu e japonês, beneficia qualquer produto com potencial de exportação", diz. "Uma das coisas que precisamos explorar no Brasil é a diversificação da pauta (de exportações)."

Braulio Dias afirma que existe já no Brasil tecnologia para aumentar a produção de soja sem ampliar a área de plantio, apenas

com ganhos de produtividade. Por fim, como ocorre com todas as culturas tradicionais (temporárias) na Amazônia, a soja enfrentaria limitações climáticas e ecológicas. Basicamente, a ausência de uma estação que interrompa o ciclo de crescimento (seca, ou inverno), tanto da planta quanto de suas pragas.

como o manejo de palmeiras —pupunha, por exemplo." Dias, que também é professor de ecologia na Universidade de Brasília (UnB), não recebe a possibilidade de que esse seminário de consulta termine por deixar cla-

ras contradições entre a política de desenvolvimento do governo e os objetivos ambientais que de clara.

"Ótimo. É bom que sejam identificadas e que haja propostas de como contornar isso".

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL

Documentação

Fonte: FSP

Data: 23/9/99 Pg 3-11

Class: 104

## Equipe fez mapas à noite

do enviado especial a Macapá

Eram já 14h quando a paulista Alicia Rolla entrou no Restaurante do Gil, em Macapá. Para ela e os cinco técnicos do laboratório de cartografia do Instituto Socioambiental que chefia, era uma espécie de café da manhã.

Estavam enfim impressos e entregues os mais de 70 mapas que seriam usados pelos sete grupos regionais em que se dividiu o Seminário de Consulta Biodiversidade na Amazônia.

É sobre essas folhas de papel vegetal com 120 cm por 80 cm que se debruçam os antropólogos, economistas, agrônomos, ecologistas e outros aqui reunidos para definir suas prioridades.

O último grupo temático a concluir seu mapa foi o de mamíferos. A folha vegetal chegou às 2h30 da madrugada ao Instituto de Estudos e Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá (Iepa), na estrada da Fazendinha, a 13 km do Macapá Hotel, onde se realiza o seminário.

Cada um dos 12 grupos temáticos havia produzido um mapa.

Do restaurante, a equipe foi dormir. À noite, uma nova leva de mapas esperava por eles. (ML)